

RUFAM OS TAMBORES, FLORESCE O EXOTISMO. O SISTEMA COLONIAL PORTUGUÊS NAS ACTUALIDADES DE ANGOLA

Marcos Cardão¹

Resumo: Normalmente ignoradas pelas investigações realizadas sobre o colonialismo português, as *Actualidades de Angola* constituem uma fonte indispensável para analisar o colonialismo português tardio. Desde logo, porque permitem ilustrar os principais fundamentos do sistema colonial português na segunda metade do século XX. Nomeadamente a viragem luso-tropical, mas também as ambiguidades e limitações dos discursos inclusivos e integradores associados ao luso-tropicalismo. Este tipo de discursos deu origem a um conjunto de representações exóticas, generalizou um modo de olhar para as práticas expressivas africanas, situado algures entre a curiosidade estética e a admiração, e permitiu caucionar a ideia de diversidade regional no âmbito da unidade do império colonial português, porém o seu acolhimento e aplicação foi tudo menos linear.

Palavras-chave: *Actualidades de Angola*; colonialismo; Luso-Tropicalismo; turismo.

Contacto: marcos.cardao@gmail.com

À semelhança do que acontecia em Portugal Continental, com *Jornal Português*, exibido entre 1938 e 1951, e o *Imagens de Portugal* (Piçarra 2006; Piçarra 2011), exibido entre 1953 e 1970, surgiram no final da década de 1950 os jornais de atualidades cinematográficas em Angola e Moçambique. As atualidades cinematográficas em Angola foram inicialmente financiadas pela secção de publicidade da Direcção dos Serviços de Fazenda e Contabilidade de Angola, e posteriormente pelo Centro de Informação e Turismo de Angola (CITA). As atualidades de Angola noticiavam os aspetos políticos e culturais mais relevantes de Angola, seguindo um roteiro previamente escrito pelas autoridades coloniais. Normalmente ignoradas pelas investigações realizadas sobre o colonialismo português, as atualidades de Angola constituem uma fonte indispensável para analisar os fundamentos do sistema colonial português na segunda metade do século XX. Nomeadamente para dissecar as formas e conteúdos da viragem luso-tropical, bem como para apreciar o

¹ Doutor em História Moderna e Contemporânea (ISCTE – IUL) e investigador do Instituto de História Contemporânea (IHC - FCSH).

Cardão, Marcos. 2016. “Rufam os tambores, floresce o exotismo. O sistema colonial português nas *Actualidades de Angola*”. In *Atas do V Encontro Anual da AIM*, editado por Sofia Sampaio, Filipe Reis e Gonçalo Mota, 588-597. Lisboa: AIM. ISBN 978-989-98215-4-5.

alcance limitado dos discursos inclusivos e integradores associados ao luso-tropicalismo.

A preponderância da cultura escrita nos estudos historiográficos tende a secundarizar um conjunto de fontes que se afiguram fundamentais para interpretar o século XX, como é o caso das fontes audiovisuais. Estas permitem-nos lançar um novo olhar sobre a produção e disseminação da ideologia colonial, ainda que a sua acessibilidade não seja a ideal. Estão depositadas no Arquivo Nacional de Imagens em Movimento (ANIM) as *Actualidades de Angola* realizadas 1957 e 1974 (os últimos números das *Actualidades* são já referentes ao pós 25 de abril). As *Actualidades de Angola* realizadas entre 1960 e 1969, os anos que coincidem com o início da guerra colonial, não estão disponíveis no ANIM. O último número das *Actualidades de Angola* depositado no ANIM é o nº 35, datado de 1959. As *Actualidades* só reaparecem com uma periodicidade regular em 1969, com o nº 102, sendo novamente interrompidas em 1972 para só regressarem em 1974, já depois do 25 de Abril, sob um novo contexto político. A par da periodicidade irregular, é também difícil perceber a lógica no alinhamento das notícias incluídas nas *Actualidades de Angola*, nomeadamente as notícias referentes ao universo do entretenimento e lazer². Por vezes noticia-se um jogo de futebol, depois um jogo voleibol feminino, basquetebol, hóquei em patins, pesca desportiva, etc. Há, no entanto, duas modalidades com presença assídua nos noticiários: as provas de vela e o automobilismo, ambas ilustrativas do cosmopolitismo de Angola, principalmente de Luanda que pretendia passar por uma «cidade europeia nos trópicos».

² No âmbito do Projecto “Behind the Camera: Practices of Visuality and Mobility in the Portuguese Tourist Film” (ref. EXPL/IVC-ANT/1706/2013) procurou-se saber junto do operador de câmara João Silva como funcionava o alinhamento das notícias. «Pergunta: - Em relação às *Actualidades de Angola*, como eram escolhidos os temas? Resposta: Bem, eu fazia assim: tinha que fazer um jornal de Atualidades por mês, e então eu todos os dias pegava no jornal e recortava as notícias que podiam dar imagens, não é. Recortava essas notícias, depois ia á procura das pessoas que tinham dado origem aquelas noticias e procurava filmar os aspetos, não é. E filmava esses aspetos, depois juntava tudo, untava tudo, chegava ao fim do mês, pegava naquilo e numa resenha do que lá ia, e dos meus conselhos em relação aquilo que deveria ser feito. (...) De maneira que quando mandava o filme para Lisboa. Mandava com aquilo, claquete tal: é isto assim, assim e assim. Eles pegavam no filme, viam na claquete o que eu tinha escrito e engendravam então um filme». Entrevista a João Silva, conduzida por Sofia Sampaio, Gonçalo Mota e Sérgio Bordalo, realizada a 28/11/2014.

As *Actualidades de Angola* constituem o único bloco noticioso em imagens produzido em Angola durante o período colonial. A inexistência de sinal televisivo em Angola fazia com que não existissem, para consumo interno, os programas televisivos de propaganda oficial que eram exibidos pela RTP na década de 1960, como o programa *Presença do Ultramar* e o programa *Portugal para Além da Europa*. A rádio era fundamental para assegurar as ligações no interior e exterior do território angolano. Refira-se que a Emissora Nacional verificava periodicamente as condições de receção do sinal de rádio, conferindo as condições de audição, a intensidade do sinal, etc., o que evidenciava a centralidade que a rádio tinha nas colónias³. As *Actualidades de Angola* eram as únicas imagens feitas em Angola, destinadas especificamente a um público angolano, sobretudo colonos brancos, e constituem a única síntese noticiosa em imagens de Angola colonial, seguindo aliás o modelo propagandístico de outros impérios coloniais europeus, como o britânico, com o *Indian news parade*⁴

As *Actualidades de Angola* duravam em média 12 a 15m e foram inicialmente realizadas por António de Sousa e João Silva; quando são retomadas, em 1968, a realização ficou a cargo de Ricardo Mesquita e João Braz. Não se pretende encerrar esta análise na carreira artística dos cineastas que estiveram envolvidos na produção dos jornais de atualidades em Angola, mas importa registar que António de Sousa era autor de uma extensa filmografia filmada em território angolano. São da sua autoria as curtas-metragens *A Visita do Governador do Congo Belga a Angola* (1950), *Aquarelas Angolanas 2* (1970), que pertence à série *Portugal Além da Europa* exibida RTP, *Esta Terra de Angola*

³ A inexistência de sinal televisivo nas colónias fazia com que eventos eminentemente televisivos, como o Festival RTP da Canção, fossem transmitidos via rádio, como confirma uma notícia publicada no *Diário de Notícias* sobre a recepção do Festival da Eurovisão de 1967 em Angola: «A província de Angola, donde é natural Eduardo Nascimento, seguiu com especial interesse o festival da Eurovisão. Não dispondo de televisão, o problema foi resolvido da melhor maneira pelo telefone e pela rádio. Em contacto telefónico permanente com Lisboa durante o período do festival. Rádio Clube de Benguela, em cadeia com os Rádios Clubes da Huíla e do Huambo, ia transmitindo, pelos seus emissores de rádio, os discos das canções do festival ao mesmo tempo e pela ordem que elas iam para o 'ar' em Viena de Áustria» S/a, (1967) «Festival em Angola», *Diário de Notícias*, 9 de Abril, p. 7

⁴ No site do *Colonial Film: Moving Images of the British Empire* estão disponíveis alguns números do *Indian news parade*, que surgiu em meados da década de 1940 e foi precursor dos Jornais de Atualidades produzidos nas ex-colónias. Disponível em: <http://www.colonialfilm.org.uk/production-company/indian-news-parade> (Acedido em 30 de Julho de 2015)

(1972), *Panorama 1 - Angola* (1972) e a longa-metragem de ficção *Esplendor Selvagem* (1972), que já foi exibida na cinemateca. A propósito do *Jornal de Actualidades de Angola*, na folha de sala, assinada por Joana Ascensão, pode-se ler:

António de Sousa teve um papel determinante na constituição de todo um arquivo de imagens sobre Angola que, em primeiro lugar, eram transmitidas aos próprios angolanos, como atesta um testemunho não assinado, publicado pela Associação dos Antigos Estudantes de Nova Lisboa: “Habitúamo-nos a conhecer Angola, o que de mais importante nela se passava, através das *Actualidades de Angola*, documentários realizados por António de Sousa. Ele era para nós a referência do incipiente cinema angolano. Nos seus trabalhos era fácil identificar o culto da terra que, reconhecidamente, venerava e a paixão que sentia pela arte cinematográfica que preenchia a sua atividade e por cuja afirmação em Angola lutava fervorosamente. Para além do filme de fundo, os documentários eram um forte motivo de atracção que não gostávamos de perder. Os desenhos animados, as *Atualidades Francesas*, as *Actualidades de Angola* eram normalmente, aperitivo de uma sessão bem passada.” (Ascensão 2013).

Este depoimento, que deve naturalmente ser cotejado com outros, parece atribuir às *Actualidades de Angola* um papel determinante na forma de ver e imaginar o território angolano. Em entrevista realizada à investigadora do ANIM, Joana Pimentel, procurou-se saber qual era o impacto das *Actualidades de Angola* junto dos espectadores. Segundo Joana Pimentel, o facto de não existir televisão em Angola fazia com que a maioria dos acontecimentos mundiais fossem vistos através dos jornais de atualidades, que não se resumiam às *Actualidades de Angola*. Estas, por seu turno, nem sempre eram recebidas com entusiasmo pelos espectadores, sobretudo quando incluíam imagens de propaganda oficial, nomeadamente as inaugurações do regime.⁵

⁵ «Pergunta - Qual era o impacto das atualidades junto do público? Gostavam imenso de ver. Gostavam muito de ver. Até porque se viam a si próprios muitas vezes? Resposta: Como é que essas Atualidades eram vistas? Por exemplo, as *Actualidades de Angola*, eu nem sei se todos os exibidores, as mostravam. Aquilo não era de exibição obrigatória, havia uns que mostravam, era como cá em Portugal, as *Imagens de Portugal* viam uns, mostravam uns, os outros iam mostra o Visor, que se calhar era mais ligeiro, tinha outros assuntos. E muitos... as imagens que eu tenho dos acontecimentos mundiais, como eu cresci num sítio onde não havia televisão, as

Quer o depoimento, quer a entrevista, fornecem elementos importantes para realizar um estudo mais aprofundado sobre a receção das *Actualidades de Angola*. Um estudo que se afigura indispensável para perceber qual era o seu verdadeiro alcance, e saber se as *Actualidades* eram efetivamente vistas, apreciadas e comentadas pelos espectadores. Conviria identificar também quais eram os cinemas que exibiam as *Actualidades de Angola*, até porque o cinema desempenhava um papel fundamental nos hábitos culturais dos habitantes no território angolano. Só em Luanda existiam cerca de dez cinemas, entre eles, o Cine Teatro Nacional, Cine-Tropical, Cine-Colonial, Cineteatro Restauração, Cinema Miramar, Avis, N’Gola Cine (Mussequê), Cine S. João, Tivoli, Império, além dos cinema-esplanada que pertenciam a seis coletividades locais.⁶

As *Actualidades de Angola* exibiam um conjunto de imagens expressivas da Angola colonial, documentando o progresso das grandes cidades, dando conta dos seus aspetos urbanos e cosmopolitas, nomeadamente sociabilidades mundanas, mas incluindo também vários apontamentos pitorescos sobre os diversos grupos étnicos de Angola, os seus modos de vida, usos e costumes e, sobretudo, sobre as suas práticas expressivas.

Os apontamentos pitorescos começavam logo no genérico inicial das *Actualidades de Angola*, que incluía um conjunto de imagens expressivas do

imagens que eu tenho dos acontecimentos mundiais são também colhidas nessas salas de cinema. Portanto, não víamos maioritariamente *Actualidades de Angola*, se fossemos ao Avis, até exigíamos não ver *Actualidades de Angola* – Mas ao menos dêem a rainha de Inglaterra, mais a princesa não sei quantos... e as modelos, lembra-me que era,... chamava-se Joanna, Joanna Shimkus, a actual mulher do Sidney Poitier, era uma grande modelo dos anos 60,... isso é que nós gostávamos, ver os Beatles, ver as modas, as minissaias,... isso é que nós queríamos ver, não era cá Imagens de Portugal, com o Governador Geral a cortar fitas, não é. Portanto, até evitávamos... estou a falar por mim, não é. Não ficava ali sentada, vinha-me sentar quando viesse algum documentário mais interessante. Entrevista a Joana Pimentel, conduzida por Sofia Sampaio, Marcos Cardão, Gonçalo Mota e Sérgio Bordalo, realizada a 05/11/2014, no âmbito do Projecto “Behind the Camera: Practices of Visuality and Mobility in the Portuguese Tourist Film” (ref. EXPL/IVC-ANT/1706/2013).

⁶ Na entrevista realizada ao operador de câmara João Silva, este confirmou a centralidade do cinema em Angola. Pergunta: Qual era o papel do cinema em Angola, numa altura em que não havia televisão? Resposta: Era a totalidade do espetáculo que havia na cidade. O cinema era o espetáculo rei, não é. Havia lá um grupo de amadores de teatro, mas tinha 10 pouca expressão. Nos cinemas é que havia». Entrevista a João Silva, conduzida por Sofia Sampaio, Gonçalo Mota e Sérgio Bordalo, realizada a 19/11/2014, no âmbito do Projecto “Behind the Camera: Practices of Visuality and Mobility in the Portuguese Tourist Film” (ref. EXPL/IVC-ANT/1706/2013).

território angolano, como a fortaleza de São Paulo em Luanda, fumo a sair da chaminé de uma fábrica moderna, uma torre de exploração de petróleo; no entanto, a primeira imagem do genérico era a de dois negros em tronco nu a tocar batuque. Sem pretensões etnográficas, as primeiras imagens do *Actualidades de Angola* usavam o elemento étnico de forma meramente anedótica e decorativa. Este genérico, que está presente nos primeiros números das *Actualidades* (até 1959), foi alterado no final da década de 1960, quando as *Actualidades* são retomadas. Embora fosse menos folclorizado, o novo genérico não deixou de incluir imagens de mulheres negras, vestidas com trajes tradicionais africanos, a dançar ao som de um conjunto que dispunha de instrumentos elétricos. A existência de um genérico diferente não significou que os noticiários deixassem de incluir apontamentos pitorescos, que proliferavam sempre que se faziam referências à música popular africana de matriz rural, ou outras.

Nas colónias africanas desenvolveu-se igualmente uma política folclorista que pretendia criar, sistematizar e conservar as práticas expressivas africanas procedendo a uma recriação e seleção de materiais etnográficos e impondo um conjunto de princípios deduzidos de um ideal de pureza e autenticidade. Essas políticas folcloristas foram enunciadas nas publicações oficiais do Centro de Informação e Turismo de Angola, que financiava as *Actualidades de Angola*, nomeadamente na revista *O Turismo*, que incluiu o artigo intitulado “Folclore e turismo”, no qual se dizia: “Uma coisa são a música e as danças pseudofolclóricas de dancings e cabarets e outra coisa são as autênticas expressões populares de música e dança. São a autenticidade e integridade destes que os organismos oficiais devem proteger” (Ribas 1968, 18).

Seria no mundo rural que se deveriam encontrar as práticas mais genuínas e não contaminadas pelo mundo urbano. A ideia de que a música popular de matriz rural seria uma expressão direta da alma africana está igualmente presente nas *Actualidades de Angola*, onde é possível encontrar várias imagens de folclore angolano. Por exemplo, no *Actualidades de Angola* nº 140 (1970) refere-se que atracou em Luanda o maior navio mercante do mundo, o Queen Elizabeth II. O narrador relata que se realizou um “animado festival de folclore” para receber os turistas, preparado pelo CITA, com o supracitado grupo folclórico a fazer uma

apresentação a bordo do navio, onde se pode ver os turistas a dançar com os membros do grupo folclórico.

O folclore angolano, neste caso a estilização urbana dos trajes regionais angolanos, voltaram a estar presentes nas *Actualidades de Angola* através das múltiplas reportagens efetuadas sobre o concurso *Miss Angola*, em que se podiam ver as diversas concorrentes a desfilar em trajes típicos dos dezanove distritos de Angola. Assente numa estratégia de gestão da diversidade regional e na promoção das especificidades culturais de cada localidade do império português, os concursos de beleza foram eventos com grande projeção mediática no início da década de 1970⁷.

A forte estilização e embelezamento da cultura popular africana está igualmente presente nas brochuras editadas pelo CITA. Numa delas, intitulada *Visite Angola: terra de Portugal* referencia-se os pontos turísticos mais interessante de Angola, chamando por exemplo à atenção para “diversidade e caracteres raros que algumas populações autóctones apresentam”. Note-se que no final da década de 1950 os organismos de propaganda oficial passam a atribuir maior importância ao turismo em Portugal. César Moreira Baptista é nomeado diretor do SNI (Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo), procede à sua reorganização, e em 1968 o SNI passa a ser designado Secretaria de Estado da Informação e Turismo (SEIT). Para além do controlo da informação e da inspeção de atividades culturais, o SNI/SEIT passa a dar mais atenção ao turismo de massas e à cultura popular, que foi paulatinamente transformada em instrumento de animação turística. Assiste-se, em paralelo, à reorganização dos serviços da Agência Geral do Ultramar, que passaram a orientar e desenvolver o turismo nas colónias, criando os já referidos Centros de Informação e Turismo, tanto em Angola como em Moçambique, incumbidos de promover a expansão do turismo nas colónias e elaborar planos turísticos gerais, promover festas, espetáculos, concursos literários, e efetuar também a recolha do folclore musical, “no sentido de defender e conservar na sua

⁷ Para uma discussão sobre a importância dos concursos Miss Portugal nas colónias no início da década de 1970, ver Cardão 2013a.

possível pureza, as tradições e costumes locais que o mereçam”, como se dizia no diploma legal de 1959 (Boletim Geral do Ultramar 1959, 406).

Embora seguisse um enredo escrito pelas autoridades coloniais e reproduzisse os principais postulados da ideologia colonial, nem sempre as *Actualidades de Angola* eram um espelho fiel das tendências ideológicas do momento. Relembremo-nos que o regime autoritário procedeu a uma reorganização política na década de 1950, nomeadamente no âmbito da ideologia colonial, com a substituição dos seus princípios orientadores. Da *mística imperial* da década de 1930 e 1940, etnocêntrica e paternalista, passou-se à *mística luso cristã de integração* – título de um dos capítulos do livro *O Luso e o Trópico* de Gilberto Freyre (1961, 225-242) – onde pontificavam alusões ao espírito de aventura dos portugueses, ao proselitismo, à propensão para a miscigenação, a ausência de preconceito racista e a fácil convivência com os outros povos e culturas (Cardão 2014). Contrariamente à ideia que terá existido uma evolução progressiva na forma de olhar o “Outro”, neste caso olhar para as práticas expressivas africanas, estimando-as e celebrando-as, conforme sugeriam os postulados luso-tropicalistas, existiram outros momentos, igualmente reproduzidos nas *Actualidades de Angola*, que mostravam como continuavam a existir formas paternalistas e objetivadoras de representar os negros. Por exemplo, nas *Actualidades de Angola* nº 109 (1969), vêem-se os empregados negros de uma plantação de café, vestidos com trajes típicos portugueses, a tocar e a dançar “as modinhas da metrópole”, como diz o narrador.

Apesar da quantidade e variedade de imagens do mundo urbano⁸, existiam outras imagens que continuam a apresentar os negros em trajes regionais portugueses e a dançar danças típicas portuguesas, como a chula, vira, malhão, ou o corridinho algarvio, e a tocar instrumentos portugueses como harmónica, ferrinhos e pandeireta⁹. Coexistem então dois tipos de imagens:

⁸ No que diz respeito ao mundo urbano há, por exemplo, várias imagens dos concursos yé-yé realizados no território angolano a partir da segunda metade da década de 1960. Veja-se Cardão 2013b.

⁹ Isabel Castro Henriques refere inclusivamente que «não faltam imagens, nem gravações, nem documentos cinematográficos, mostrando com orgulho enternecido os Africanos vestindo os trajes regionais, às vezes algo fantasistas, com orquestras também europeias, entusiasmados

umas reforçavam a portugalidade dos africanos, mostrando como eles adotaram os hábitos e costumes dos portugueses, o que indicava a resiliência da teoria da assimilação, tal como ela foi difundida pela ideologia colonial; outras pretendiam reforçar a africanização dos autóctones, revelando-se mais consentâneas com a *mística luso-cristã de integração*, segundo a qual se deviam estimar e valorizar as práticas expressivas africanas e ser sensível às trocas e à reciprocidade cultural, mas que redundavam quase sempre na conversão da cultura popular africana em objeto de contemplação e comprazimento estético.

Além deste olhar estereotipado para as práticas expressivas africanas, algures entre a curiosidade estética e a admiração, existiam naturalmente as imagens de propaganda oficial, porventura as mais numerosas nas *Actualidades*, com a cobertura noticiosa das cerimónias oficiais do regime, sobretudo as cerimónias onde estava presente o Governador-geral de Angola, que é filmado nas suas visitas pelo território angolano, que constituem uma pedagogia singular do território angolano, ou então nas receções oficiais, inaugurações, etc.

Neste campo, o arquivo em imagens é especialmente rico porque, não obstante o esforço de edição e montagem, mostra as imperfeições das encenações do regime. Vê-se, por exemplo, como os negros são mobilizados diversas vezes para as encenações do regime, como são alinhados de forma ordeira, com lhes colocam bandeiras portuguesas nas mãos, esperando que eles saúdem o Governador-geral de Angola, ou outro membro do Poder colonial. Trata-se no fundo de um conjunto de encenações estatais, através dos quais se pretende mostrar a onipotência do poder colonial.

Olhando para os noticiários das *Actualidades de Angola* vemos como a maioria da população, a negra, está invariavelmente fora de cena. Quase sempre ausente e quando é filmada raramente é individualizada, para reaparecer subitamente, e em massa, nos grandes rituais do regime: visitas oficiais, inaugurações, etc. Nas *Actualidades de Angola* a maior parte das

com a chula rebel, o vira ou o malhão, quando não com o corridinho algarvio. A orquestra, com a harmónica, os ferrinhos e a pandeireta, consegue proceder a um reforço da desaficanização, sem conseguir naturalmente que a tradição musical africana seja substituída pela música popular ou folclórica portuguesa» (Henriques 1999, 220).

notícias reporta-se ao universo dos colonos brancos, nomeadamente às suas formas de entretenimento. Desde as passagens de modelos, que têm uma presença habitual nas *Actualidades*, até às práticas desportivas como a vela, natação, remo, golf, ténis, hipismo e automobilismo, modalidades onde os negros, a maioria da população, estão sistematicamente ausentes.

BIBLIOGRAFIA

- Ascensão, Joana. 2013. “Esplendor Selvagem”, *Folha da Cinemateca*, 16 de Janeiro.
- Bethencourt, Francisco, Chaudhuri, Kirti (dir.). 1999. *História da Expansão Portuguesa, Volume V (Último Império e Recentramento, 1930-1998)*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Cardão, Marcos. 2013a. “O charme discreto dos concursos de beleza e o luso-tropicalismo na década de 1970”, *Análise Social*, 208, vol. XLVIII, (3º), 530-549.
- Cardão, Marcos. 2013b. “‘A juventude pode ser alegre sem ser irreverente’. O Concurso Yé-Yé de 1966-67 e o luso-tropicalismo banal”, Nuno Domingos e Elsa Peralta (orgs.). *A Cidade e o Colonial. Dinâmicas coloniais e reconfigurações pós-coloniais*. Lisboa: Edições 70, 319-359.
- Cardão, Marcos. 2014. *Fado Tropical. O luso-tropicalismo na cultura de massas (1960-1974)*. Lisboa: Edições Unipop.
- Freyre, Gilberto. 1961. *O Luso e o Trópico: sugestões em torno dos métodos portugueses de integração de povos autóctones e de culturas diferentes da europeia num complexo novo de civilização: o luso-tropical*. Lisboa: Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infanta D. Henrique.
- Henriques, Isabel Castro. 1999. “A sociedade colonial em África. Ideologias, hierarquia, quotidianos”, Bethencourt, Francisco, Chaudhuri, Kirti (dir.), *História da Expansão Portuguesa, Volume V (Último Império e Recentramento, 1930-1998)*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Piçarra, Maria do Carmo. 2006. *Salazar Vai ao Cinema – o Jornal Português de Actualidades filmadas*. Coimbra.
- Piçarra, Maria do Carmo. 2011. *Salazar vai ao Cinema II – A ‘Política do Espírito’ no Jornal Português*. Lisboa: DellaDesign.
- Ribas, Tomaz. 1968. “Folclore e turismo”, *O Turismo. Revista de divulgação*, Setembro.
- S/a. 1967. “Festival em Angola”, *Diário de Notícias*, 9 de Abril.
- S/a. 1959. *Boletim Geral do Ultramar*, Vol. XXXV, Agência Geral do Ultramar, 1959.

FILMOGRAFIA

- Actualidades de Angola Nº 2 . 1957. Real. António de Sousa, João Silva.
- Actualidades de Angola Nº 3. 1957. Real. António de Sousa, João Silva.
- Actualidades de Angola Nº 5. 1957. Real. António de Sousa, João Silva.
- Actualidades de Angola Nº 8. 1958. Real. António de Sousa, João Silva.

Actualidades de Angola Nº 9. 1958. Real. António de Sousa, João Silva.
Actualidades de Angola Nº 12. 1958. Real. António de Sousa, João Silva.
Actualidades de Angola Nº 15. 1958. Real. António de Sousa, João Silva
Actualidades de Angola Nº 17. 1958. Real. António de Sousa, João Silva
Actualidades de Angola Nº 23. 1959. Real. António de Sousa, João Silva
Actualidades de Angola Nº 29. 1959. Real. António de Sousa, João Silva
Actualidades de Angola Nº 35. 1959. Real. António de Sousa, João Silva
Actualidades de Angola Nº 80. 1968.
Actualidades de Angola Nº 102. 1969.
Actualidades de Angola Nº 104. 1969.
Actualidades de Angola Nº 109. 1969.
Actualidades de Angola Nº 110. 1969.
Actualidades de Angola Nº 114. 1969.
Actualidades de Angola Nº 116. 1969.
Actualidades de Angola Nº 125. 1970.
Actualidades de Angola Nº 138. 1970.
Actualidades de Angola Nº 139. 1970.
Actualidades de Angola Nº 142. 1970.
Actualidades de Angola Nº 121. 1970.
Actualidades de Angola Nº 123. 1970.
Actualidades de Angola Nº 140. 1970.
Actualidades de Angola Nº 144. 1971.
Actualidades de Angola Nº 145. 1971.
Actualidades de Angola Nº 147. 1971.
Actualidades de Angola Nº 149. 1971.
Actualidades de Angola Nº 151. 1971.
Actualidades de Angola Nº 158. 1971.
Actualidades de Angola Nº 160. 1971.
Actualidades de Angola Nº 164. 1971.
Actualidades de Angola Nº 165. 1971.
Actualidades de Angola Nº 166. 1971.
Actualidades de Angola Nº 150. 1971.
Actualidades de Angola Nº 161. 1971.
Actualidades de Angola Nº 163. 1971.
Actualidades de Angola Nº 168. 1972.
Actualidades de Angola Nº 170. 1972.
Actualidades de Angola Nº 173. 1972.
Actualidades de Angola Nº 186. 1972.
Actualidades de Angola Nº 195. 1973.
Actualidades de Angola Nº 204. 1973.
Actualidades de Angola Nº 210. 1974.
Actualidades de Angola Nº 215. 1974.
Actualidades de Angola Nº 220. 1974.
Actualidades de Angola Nº 223. 1974.
Actualidades de Angola Nº 207. 1974.

WEBGRAFIA

<http://www.colonialfilm.org.uk/>